

Campanha da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia - 60 mil portugueses vivem com a doença

2/4/2015

[0 Comments](#)



A Liga Portuguesa Contra a Epilepsia assinala, no próximo dia 9 de Fevereiro, o Dia Mundial da Epilepsia com um conjunto de acções de sensibilização e informação junto da população, que decorrerão em Lisboa, Porto, Coimbra, Évora, Viana do Castelo, Viseu e Vila Real, estendendo-se ainda à Madeira e aos Açores. Sob o lema “Epilepsia é mais do que ter crises”, a campanha tem como objetivo alertar e sensibilizar a sociedade e os governos para as questões de quem vive com epilepsia, doença que afecta entre 50 a 60 mil portugueses e cerca de seis milhões de pessoas na Europa.

Segundo dados oficiais, aproximadamente um terço das pessoas com epilepsia não respondem aos medicamentos existentes, sendo que a taxa de mortalidade é superior à da população em geral. A possibilidade de morte súbita, por exemplo, aumenta vinte vezes em quem padece de epilepsia.

Para além das questões médicas e das terapêuticas associadas, a epilepsia acarreta ainda alguns estigmas de índole social, que esta campanha pretende desmistificar, desde logo porque existe vida para além das crises. Não obstante a ambição legítima de esquecer a doença, a verdade é que quem sofre de epilepsia vive na angústia da imprevisibilidade de uma nova crise, o que as leva, em muitos casos, a evitar a exposição e a esconder a doença. Nos casos mais graves, os doentes podem também apresentar problemas de aprendizagem, psicopatologia ou problemas de relacionamento interpessoal, o que leva, com frequência, a situações de discriminação e exclusão social.

60 mil doentes em Portugal

Estima-se que em Portugal existam cerca de 60 mil pessoas com epilepsia, sendo que a cada ano surgem 50 novos doentes por cada 100 mil pessoas. Trata-se de uma doença que pode surgir em qualquer grupo etário ou estrato social, atingindo os dois sexos de igual forma. No entanto, existem dois picos com maior incidência, a infância e a terceira idade.

Francisco Sales, presidente da Liga Portuguesa Contra a Epilepsia, lembra que as pessoas com epilepsia são na sua generalidade pessoas independentes. “Cerca de 60 a 70% das pessoas com epilepsia respondem adequadamente à medicação anti-epiléptica instituída, o que faz grande diferença”, adianta o neurologista, frisando ainda que “os doentes com formas de epilepsia chamadas refractárias, isto é, que não respondem aos diferentes esquemas terapêuticos, sofrem de todas as consequências de uma doença crónica incapacitante: nas suas vertentes social, psicológica, pessoal, e familiar”. Daí que se torne fundamental um esforço de informação sobre a doença. Para Francisco Sales, “quanto melhor for o conhecimento sobre o que é a epilepsia melhor será o nível de cuidados, e sobretudo melhor será a adequação do nível de cuidados ao doente em concreto”. “Na minha experiência as famílias estão hoje muito mais sensibilizadas e têm hoje, em geral, um conhecimento mais consistente sobre o que é a epilepsia”, conclui.

A epilepsia

A epilepsia é uma doença neurológica crónica caracterizada pela existência de crises epilépticas recorrentes, não provocadas. As crises epilépticas traduzem uma descarga eléctrica anormal e excessiva no nosso cérebro, manifestando-se com alterações clínicas motoras e não motoras. As manifestações clínicas das crises epilépticas são variáveis em função das diferentes partes do cérebro envolvido nessa descarga. No entanto, a epilepsia não são apenas as crises epilépticas, pelo que, entre as crises, podem também existir alterações em várias esferas, nomeadamente cognitivas, comportamentais, psicológicas, sociais.

Por variadas razões a epilepsia e os doentes com epilepsia sempre se têm situado na zona de penumbra. Esse evitamento da exposição é reforçado por várias condutas institucionais e da sociedade em geral, de alguma forma perpetuando o estigma associado a esta doença, que não é sobreponível ao de tantas outras doenças crónicas.